

ELISA BEATRIZ CARNEIRO OLIVEIRA, MARIANA FIALHO BONATES E MARCELE TRIGUEIRO DE ARAÚJO MORAIS

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Elisa Beatriz Carneiro Oliveira

Arquiteta e urbanista pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU-UFPB), com pesquisa voltada para área da história urbana.

Architect and urban planner from the João Pessoa University Center (Unipê). Master's degree from the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Paraíba (PPGAU-UFPB), with research focused on the area of urban history.

Arquitecto y urbanista del Centro Universitario João Pessoa (Unipê). Máster por el Programa de Postgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Paraíba (PPGAU-UFPB), con investigación centrada en el área de historia urbana.

elisabeatrizcarneiro@gmail.com

Mariana Fialho Bonates

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN). Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU-UFPE), com bolsa sanduíche da CAPES na School of Design da University of Pennsylvania. Atualmente é professora Associada I do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da UFPB. Pesquisadora no Laboratório de estudos sobre cidades, culturas contemporâneas e urbanidades (LECCUR).

Architect and urban planner from the Federal University of Paraíba (UFPB). Master's degree from the Graduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN). PhD from the Graduate Program in Urban Development at the Federal University of Pernambuco (MDU-UFPE), with a CAPES scholarship at the School of Design of the University of Pennsylvania. She is currently an Associate Professor I in the Department of Architecture and Urbanism at the Federal University

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

of Paraíba (UFPB) and a collaborating professor in the Graduate Program in Architecture and Urbanism (PPGAU) at UFPB. Researcher at the Laboratory for Studies on Cities, Contemporary Cultures, and Urbanities (LECCUR).

Arquiteta y urbanista por la Universidad Federal de Paraíba (UFPB). Magíster por el Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN). Doctora por el Programa de Posgrado en Desarrollo Urbano de la Universidad Federal de Pernambuco (MDU-UFPE), con beca sandwich de CAPES en la School of Design de la University of Pennsylvania. Actualmente es Profesora Asociada I del Departamento de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Paraíba (UFPB) y profesora colaboradora del Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo (PPGAU) de la UFPB. Investigadora en el Laboratorio de Estudios sobre Ciudades, Culturas Contemporáneas y Urbanidades (LECCUR)

mariana.bonates@academico.ufpb.br

Marcele Trigueiro de Araújo Morais

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Possui Mestrado (2002), Doutorado (2008) e Pós-doutorado (2019) em Géographie, Aménagement et Urbanisme, pelo Institut National des Sciences Appliquées de Lyon (INSA de Lyon) e Laboratório EVS Environnement Ville Sociétés, vinculado ao CNRS UMR 5600 (França). Coordenadora do Laboratório de estudos sobre cidades, culturas contemporâneas e urbanidades (LECCUR), Marcelle Trigueiro é igualmente coordenadora do Projeto de Extensão universitária REDE em defesa dos espaços públicos e do direito à cidade. É ainda professora associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU-UFPB), professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFPB) e Professora-pesquisadora visitante do Laboratório UMR 5600 (França). Atua principalmente nos temas relacionados à teoria do projeto urbano, espaços públicos e políticas urbanas.

Architect and urban planner from the Federal University of Paraíba (UFPB). Master's degree (2002), PhD (2008) and Post-doctorate (2019) in Geography,

Os "cinemas de bairro" em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The "neighborhood cinemas" in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

"Cines de barrio" en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Environment and Urbanism from the Institut National des Sciences Appliquées de Lyon (INSA de Lyon) and the EVS Environnement Ville Sociétés Laboratory, linked to CNRS UMR 5600 (France). Coordinator of the Laboratory for Studies on Cities, Contemporary Cultures and Urbanities (LECCUR), Marcele Trigueiro is also Coordinator of the REDE University Extension Project in defense of public spaces and the right to the city. She is an associate professor at the Department of Architecture and Urbanism (DAU), permanent professor in the Graduate Program in Architecture and Urbanism (PPGAU) at UFPB and Visiting professor-researcher at the UMR 5600 Laboratory (France). She mainly works on topics related to urban design theory, public spaces and urban policies.

Arquitecta y urbanista por la Universidad Federal de Paraíba (UFPB). Magíster (2002), Doctorado (2008) y Postdoctorado (2019) en Geografía, Planificación y Urbanismo, por el Institut National des Sciences Appliquées de Lyon (INSA de Lyon) y el Laboratorio EVS Environnement Ville Sociétés, vinculado al CNRS UMR 5600 (Francia). Coordinadora del Laboratorio de Estudios sobre Ciudades, Culturas Contemporáneas y Urbanidades (LECCUR), Marcele Trigueiro también es Coordinadora del Proyecto de Extensión Universitaria REDE en defensa de los espacios públicos y del derecho a la ciudad. Es también profesora asociada del Departamento de Arquitectura y Urbanismo (DAU), profesora permanente del Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo (PPGAU) de la UFPB y profesora visitante e investigadora del Laboratorio UMR 5600. Trabaja principalmente en temas relacionados con la teoría del diseño urbano, espacios públicos y políticas urbanas.

marcele.trigueiro@academico.ufpb.br

Resumo

Baseado na compreensão de uma relação entre os cinemas e o espaço urbano e no entendimento de que tais equipamentos são parte de um contexto de modernização, investiga-se o processo de difusão das salas de exibição de filmes na cidade de João Pessoa, entre 1940, período quando se inicia uma expansão mais flagrante, e 1970, quando começa a fase de declínio desses equipamentos na cidade. Identifica-se que o aparecimento e a consolidação das salas de “cinema de rua” coincidiram com o processo de reformas urbanas que acontecia na maioria das cidades brasileiras. O recorte temporal do artigo é caracterizado notadamente pela difusão dos cinemas de bairro, enquanto a malha urbana se espraiava e os novos bairros se consolidavam na cidade, com a criação de zonas habitacionais. Analisa-se a distribuição desses equipamentos no tecido urbano, assim como as transformações socioespaciais que o hábito de frequentar cinemas produziu, reconhecendo-os enquanto fortes componentes culturais para dinâmicas urbanas. Tal percurso histórico é apoiado pela pesquisa bibliográfica sobre o processo de modernização e expansão urbana de João Pessoa, em pesquisa hemerográfica de jornais e revista da época, bem como na construção de um mapeamento das salas de exibição em cada década de estudo.

Palavras-chave: cinemas de rua. história urbana. expansão urbana. dinâmicas socioespaciais. João Pessoa.

Abstract

Based on the understanding of a relationship between cinemas and urban space and the understanding that such equipment is part of an urban context of modernization, we investigate the process of diffusion of film exhibition halls in the city of João Pessoa, between 1940, a period when a more blatant expansion began, and 1970, until when the phase of decline of these equipment in the city began. It is identified that the appearance and consolidation of “street cinema” halls coincided with the process of urban reforms that took place in most Brazilian cities. The time frame of the article is notably characterized by the spread of neighborhood cinemas, while the urban fabric spread and new neighborhoods were consolidated in the city, with the creation of housing areas. The spread of this equipment in the urban fabric is analyzed, as well as the socio-spatial transformations that the habit of attending cinemas produced, recognizing them as strong cultural components for urban dynamics. This historical path is supported by bibliographical research on the process of modernization and urban expansion of João Pessoa, in hemerographic research of newspapers and magazines of the time, as well as in the construction of a mapping of exhibition rooms in each decade of study.

Keywords: street cinemas. urban history. urban expansion. socio-spatial dynamics. João Pessoa.

Resumen

A partir de la comprensión de una relación entre cines y espacio urbano y de la comprensión de que tales equipamientos se inscriben en un contexto urbano de modernización, el estudio investiga el proceso de difusión de las salas de exhibición de cine en la ciudad de João Pessoa, entre 1940, período en que se inició una expansión más flagrante, y 1970, hasta que se inició el declive de estos equipamientos en la ciudad. Es claro que el surgimiento y consolidación de las salas de "cine de calle" coincidió con el proceso de reformas urbanas que estaba teniendo lugar en la mayoría de las ciudades brasileñas. El marco temporal del artículo se caracteriza notablemente por la difusión de los cines de barrio, al tiempo que se expande el tejido urbano y se consolidan nuevos barrios en la ciudad, con la creación de áreas residenciales. Se analiza la distribución de estos equipamientos en el tejido urbano, así como las transformaciones socioespaciales que ha producido el hábito de asistir al cine, reconociéndolos como fuertes componentes culturales para la dinámica urbana. Este recorrido histórico se apoya en la investigación bibliográfica sobre el proceso de modernización y expansión urbana de João Pessoa, en la investigación hemerográfica de periódicos y revistas de la época, así como en la construcción de un mapeo de salas de exhibición en cada década de estudio.

Palabras cine de calles. historia urbana. expansión urbana. dinámica socioespacial. João Pessoa

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Introdução

Uma versão semelhante foi publicada nos anais do 18º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo de 2024 (XVIII SHCU).

As primeiras salas de cinema surgiram em João Pessoa no início do século XX – mais especificamente em 1910 –, quando a cidade iniciava um processo de modernização pautado em intervenções e reformas urbanas com caráter higienista, na tentativa de superar a imagem de cidade atrasada que a capital paraibana manifestava (Chaves, Tinem, 2007). Até aquele momento, João Pessoa era caracterizada por um núcleo urbano pequeno e pobre, em um contexto provinciano, com poucas opções de lazer e uma vida urbana limitada. Os cinemas emergiram, neste momento, como importantes equipamentos para a difusão de novos costumes, tornando-se uma das principais práticas de lazer do século XX.

Após as primeiras exhibições, que aconteceram em 1897, durante o período da Festa das Neves, a atividade de exibição cinematográfica passou por um período de inconstância que durou por volta de uma década – até a abertura da primeira sala fixa. Apesar de não haver registros dessas exhibições, a partir de 1902, o Teatro Santa Roza passou a organizar sessões de forma itinerante e improvisada, sem horários e dias definidos, mas que obtiveram sucesso e atraíram uma quantidade considerável de pessoas (Leal, 2007). Também houveram exhibições, igualmente itinerantes, em salas na Rua do Comércio, por volta de 1908 pela empresa “Cinema-Brazil”, do proprietário Lourenço Caiofo (“O Norte”, 10 de dezembro de 1908, p.2).

Em 1910, surgiu o Pathé, o primeiro espaço pensado efetivamente como cinema, inaugurando período de intensa abertura de salas; no ano seguinte, foram abertos os cinemas Rio Branco (em fevereiro de 1911) e o Popular (em julho do mesmo ano). No final da década de 1910, surgiram o Edison e o Morse (Leal, 2007)[1]. Foi também a partir de 1910 que se iniciou um ciclo de progresso urbanístico e que a cidade sofreu intervenções para melhorias na infraestrutura, como abastecimento de água e luz elétrica.

O primeiro cinema de bairro surgiu na cidade a partir dos primeiros – e breves – processos de expansão que começaram apoiados na sedimentação de um dos bairros mais antigos da cidade, o Jaguaribe. O Cine São João, em destaque na cor verde [1], foi aberto ainda em 1923 e se tornou o Cine Jaguaribe em 1933. Mesmo com o surgimento desse exemplar, os cinemas de bairro só se consolidaram, de fato, na cidade, quando os processos de expansão urbana se tornaram mais expressivos.

FIGURA 1 – Localização dos cinemas nas décadas de 1910 (1910 até 1919), utilizando o mapa de 1889 como base/localização dos cinemas na década de 1920 (1920 até 1929), utilizando o mapa de 1923 como base.

Fonte: Filipéia em Mapas, modificado pelas autoras.



Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

A década de 1930 inaugurou um momento de bastante avanço para João Pessoa, tanto social quanto urbanístico. Os eventos da Revolução de 1930 deixaram a capital paraibana em evidência no contexto nacional, havendo, assim, um aumento na dotação de verbas federais e investimento na esfera industrial da cidade (Rodríguez, 1980). Esse foi um momento propício para o desenvolvimento de um plano capaz de articular a malha urbana e, neste sentido, o “Plano de Remodelação e Extensão para a cidade de João Pessoa” foi elaborado em 1932, pelo engenheiro Nestor de Figueiredo, executado inicialmente no governo de Argemiro de Figueiredo (1935 – 1940). O plano tinha em seu cerne a preocupação com o fluxo viário da cidade. Trajano Filho (2003) relata que a estratégia se desdobrava na relação “cidade, rio e mar”, tentando articular esses polos e separando-se por duas tarefas principais: a remodelação da cidade existente e o planejamento de expansão da cidade futura. O plano de Nestor de Figueiredo conseguiu atingir o feito de integrar a cidade em seu processo de expansão, construindo uma malha viária articulada entre a cidade existente e as áreas que se expandiriam, a cidade futura (Trajano Filho, 2013).

Segundo Mello (1990), até aproximadamente os anos 1940, o hábito de “ir ao cinema” era uma prática exercida com uma destinação específica e envolta por um ritual de apreciação espacial, uma vez que a maioria das salas estava situada no centro urbano originário, o qual, por sua vez, situava-se às margens de um rio. No caso de João Pessoa, em meados do século XX, uma série de transformações socioespaciais foram observadas, tais quais a ampliação da rota de transportes, as obras de melhoria na infraestrutura urbana, bem como uma maior ocupação da Avenida Epitácio Pessoa – via que ligava o centro ao litoral –, que passou a incorporar novos bairros à malha urbana. Em conformidade com estas transformações, a prática de “ir ao cinema” tornou-se mais um dos passatempos dentro das opções de lazer que surgiram. Chaves e Tinem (2007) apontam que este segundo momento de urbanização pessoense, que se desenvolveu a partir da segunda metade do século XX, aconteceu com a entrada da cultura e do capital estadunidenses, provenientes de um desenvolvimento industrial e de ações de diversas fundações e institutos públicos, os quais tiveram como símbolos a verticalização dos edifícios e o automóvel.

O período entre 1940 e 1970 compreendeu a expansão urbana de João Pessoa, dando início ao que Martins (2019, p.87) intitula como “cultura da praia”, processo que contribuiu para a expansão da cidade em direção ao litoral. Um dos grandes impulsionadores desse movimento foi as construções das zonas habitacionais por órgãos ligados a questão da habitação, como BNH (Banco Nacional de Habitação), as IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensão) e órgãos locais como Montepio, Fundação Casa Popular (FCP) e a Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP). Os cinemas de bairro se difundiram de forma mais marcante pelas cidades neste intervalo, mais precisamente a partir das décadas de 1940 e 1950. Como afirma Santoro (2004, p.122), em análise aos cinemas de rua de São Paulo, os cinemas de bairro eram “salas menos badaladas que as do Centro, mas não necessariamente menores, com ingresso mais barato”.

O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a disseminação desse tipo de equipamento no período entre 1940 e 1970, quando se iniciou uma expansão urbana mais flagrante, até o princípio da fase de declínio das salas de “cinema de rua”. O trabalho, fruto de uma dissertação, foi desenvolvido a partir da revisão da literatura sobre a modernização da cidade de João Pessoa, assim como de pesquisa hemerográfica, analisando os principais jornais diários da época, “O Norte” e “A União”. O texto está estruturado por décadas, o que permitiu remeter à passagem do tempo na elaboração das cartografias, bem como na exploração dos diferentes dados iconográficos.

A década de 1940: a cidade se expandiu e os hábitos mudaram

A implementação do “Plano de Remodelação e Extensão para a cidade de João Pessoa (1932)” possibilitou um quadro de expansão e modernização expressivo com a chegada da década de 1940, além de um plano viário mais articulado com o tecido urbano (Vidal, 2004). O plano de reforma de Nestor Figueiredo permitiu que a expansão da capital paraibana ocorresse de forma mais rápida e organizada. Trajano (2006) explica que, em função da execução incompleta do projeto, a malha urbana passou a apresentar uma parcela territorial desocupada, deixando demarcado o traçado linear da Avenida Eptácio Pessoa – via que ligava o centro da cidade ao litoral, aberta por volta de 1920. A década de 1940 deu início ao processo de ocupação adjacente à avenida e em direção leste, na tentativa de implementação gradual do plano de Nestor de Figueiredo e, de acordo com Silveira (2004, p.193), “a inserção do uso do solo residencial como elemento primordial na organização do espaço” foi fundamental nesse processo. Abaixo [2], apresenta-se João Pessoa em 1946 com a formação de novos bairros, como a Torre e o Bairro dos Estados, assim como o início de áreas como Cruz das Armas e Tambaú.

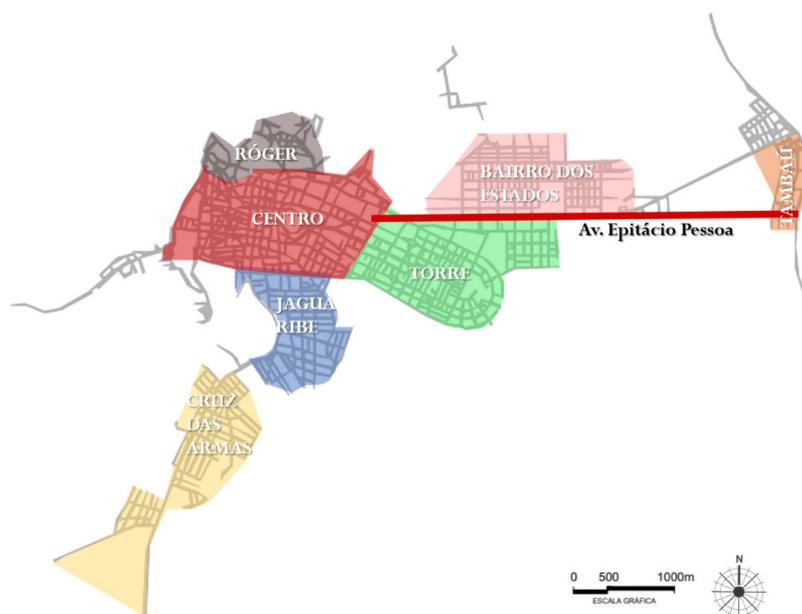


FIGURA 2 – Mapa de 1946, em destaque os bairros consolidados e a Avenida Eptácio Pessoa.

Fonte: Filipéia em Mapas, modificado pelas autoras.

Ainda em 1940, no recém-iniciado governo de Rui Carneiro (1940 – 1945), o Jornal “A União” noticiou a construção de casas aos filiados do Instituto da Previdência, informando que se tratava de uma operação conjunta do Estado e de alguns desses institutos. Apesar de não citar o local, foi explicado que o Estado forneceria os terrenos necessários, dentre outras contribuições (não citadas), já que se tratava de uma ação de interesse público, pela finalidade da assistência social (“A União”, 27 de setembro de 1940, p.1); essas ações para a construção de habitações tornaram-se frequentes a partir desse período.

O governo de Rui Carneiro (1940 – 1945) deu continuidade às investidas na expansão urbana em duas zonas que foram determinantes nesse processo: o Bairro dos Estados e a Torre. No início da década de 1940, foi assentado o quartel do Primeiro Grupamento de Engenharia e Construção onde futuramente seria o Bairro dos Estados. O próprio

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

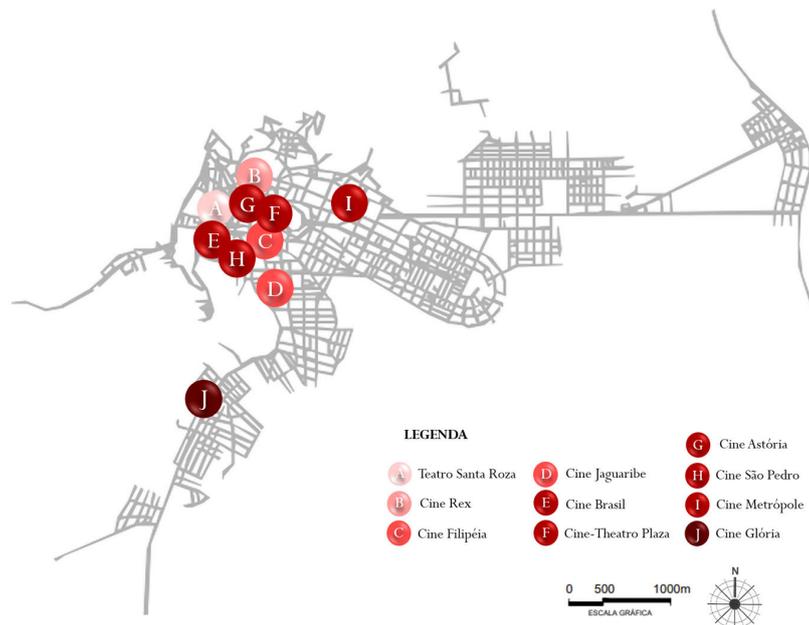
“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

quartel construiu uma vila para os oficiais em suas intermediações, o que impulsionou a construção de outras moradias em seu entorno (Coutinho, 2004, p.85). O recém-fundado bairro Torre¹ foi outro importante ponto de expansão para as áreas leste e sudeste da cidade, transformando-se em um eixo de “transição espacial entre o antigo e o novo” (Silveira, 2004, p.191). Ainda de acordo com Silveira (idem), o bairro recebeu suas primeiras edificações construídas pela Fundação Casa Popular (FCP).

Segundo Leal (2007), em 1º de julho de 1941, foi inaugurado, por José Ferreira de Lima, um pequeno empresário do ramo, o Cine Glória. O equipamento estava localizado na Avenida Cruz das Armas, a principal do bairro de mesmo nome, em substituição a um cinema que teve uma vida curta, o Cine Ideal, mencionado no Jornal “A União” em fevereiro de 1938. O “Glória” ocupava um prédio com características em Art Déco, como o uso de formas geométricas e marquise. O mapa abaixo [3] reúne essas informações e reforça que esta última sala (representado pela letra J)² foi a única a abrir nos anos 1940.

FIGURA 3 – Localização dos cinemas na década de 1940 (1940 até 1949), utilizando o mapa de 1946 como base.

Fonte: Filipéia em Mapas, modificado pelas autoras.



Entre as medidas importantes do governo de Rui Carneiro, em relação ao crescimento urbano ao leste, citam-se a regularização da Estrada de Cabedelo, a implantação de bondes elétricos na praia de Tambaú e a criação das primeiras linhas de ônibus que faziam o transporte do Centro a praia (Coutinho, 2004). Além disso, a implantação do Grupo Escolar João Pessoa nessa área, e a construção do Bar e Restaurante Elite no litoral promoveram, segundo Silveira (2004), a produção de novas práticas sociais e culturais urbanas atreladas à modernidade, longe do centro da cidade.

Apesar desse avanço para outras zonas, João Pessoa ainda possuía um forte vínculo com o centro e, de forma geral, era nessa área onde as dinâmicas urbanas mais importantes aconteciam. Batista (apud Aguiar, 1985), em relato a suas memórias de infância, narra que, em 1940, a capital já estava imbuída em uma atmosfera moderna

1 Uma nota do jornal “A União” do dia 4 de julho de 1945, relata melhoramentos relacionados à questão do saneamento no bairro da Torre realizados naquele ano, ressaltando a relevância que a área mantinha, já que notas referentes a obras e melhoramentos urbanos em outras áreas da cidade foram escassas durante a década de 1940.

2 A tonalidade das marcações que representam os cinemas no mapa tem referência ao período de sua abertura – os mais claros são cinemas mais antigos e os mais escuros são os cinemas mais recentes.

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

de velocidade e progresso das cidades metropolitanas, com feições mais modernas, marcada pela presença de grandes edificações e vastos espaços públicos. Em sua descrição, João Pessoa estava:

(...) cercada de prédios imponentes, animada pelo burburinho de pessoas que pareciam nunca parar, indo e vindo constantemente, pelos sons de carros velozes ao cruzarem as ruas – eram tantos, dezenas, centenas talvez! – baralhados dos lentos e coloridos bondes que, disciplinados e constante desciam a rua Cardoso Vieira e retornavam pela Barão do Triunfo (...) (Batista apud Aguiar, 1985, p.252).

O cinema fazia parte desse contexto urbano mais modernizado, sempre implantados em pontos estratégicos, como o Cine Plaza – um dos cinemas mais famosos da capital – que ficava nas mediações do Ponto de Cérm Réis³. Batista (idem, p.252) descreve esse espaço como seu “ponto de encantamento em João Pessoa” e relata sua jornada pelo cotidiano da cidade de forma precisa.

(...) as minhas excursões ao feérico espaço pessoense, somente se realizava aos domingos, quando, acompanhado de um primo mais velho – traquejado conhecedor dos mistérios e das ciladas metropolitanas, ia à matinal do Plaza, assistia a filmes de faroeste e, principalmente, aos dois episódios semanais do seriado em exibição (idem, p.252).

Ele continua descrevendo com vigor o que seriam as “matinais do Plaza”, que segundo ele:

(...) eram uma festa da garotada pessoense. Com início às 9, 30h, terminavam geralmente ao meio dia, e a plateia estava sempre superlotada, as cadeiras ocupadas por um público vibrante, que gritava, assobiava, batia palmas, comia pipocas, bombons, chocolates, imitava seus ídolos, tratava batalhas, com pertados de papel cruzando os area, aplaudia estrepitosamente, durante as exibições (...) (idem, p.252).

De acordo com Leal (2007), as matinais eram sessões de cinema que aconteciam na parte da manhã, frequentados comumente pela população mais nova e masculina – e eram comuns em diversas partes do mundo. Leal (idem) também faz um relato sobre a intensidade dessas sessões e seu impacto para o espaço da cidade.

O bom desse espetáculo não ocorria só dentro da sala de exibição – a maior festa ocorria era mesmo nas calçadas – e até mesmo na rua do cinema, onde havia um movimentadíssimo comercio de “produto” ligado aos filmes, seus heróis e suas histórias fantásticas (Leal, 2007, p.74).

Batista continua seu relato, descrevendo o quanto a jornada de ida ao cinema se estendia por todo um curso pelo restante da cidade, como idas à Lagoa, passeadas pelo Pavilhão do Chá, pela Igreja de Lourdes e os palacetes da burguesia litorânea, de acordo com ele “uma arquitetura magnífica, fascinantes, embasbacante mesmo (...)” (Batista apud Aguiar, 1985, p.253).

Os relatos de Batista indicam novas vivências urbanas dentro de uma cidade mais modernizada, demonstrando de forma clara como as transformações estruturais urbanas influenciaram diretamente nos hábitos da população. Era um contexto em que o cotidiano pessoense começava a ser invadido pela tecnologia, a partir da iluminação pública, dos bondes elétricos, grandes prédios e largas avenidas com movimento de carros; na difusão cada vez maior da imprensa – do jornal impresso e do rádio.

³ Atual praça Vidal Negreiros. Seu nome é referente ao preço da passagem dos bondes que passam pelo entorno, já que, no início do século XX passou a comportar três linhas de bondes elétricos (Aguiar, 1985).

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

A partir desse período a sociedade começou a vivenciar a experiência da coletividade [6], próprios de uma cidade que se desenvolvia em detrimento da antiga Parahyba do Norte, rígida em costumes rurais. É importante declarar que foram processos que aconteceram numa escala bem mais restrita que outras partes do mundo. Aires (2014, p.281) explicita que as cidades paraibanas divergiam em vários fatores das europeias e fluíam “num ritmo diferente da Paris de Baudelaire e do Rio de Janeiro de Pereira Passos”, já que a Paraíba não possuía o mesmo desenvolvimento industrial das metrópoles, apresentando limitações econômicas. Dessa forma, o que se vê – e em outras cidades do Norte e Nordeste – é um processo de modernização fragmentado, seguindo com certo atraso até o início do século XXI.

Ao final da década, em 1947, dois governadores atuaram em medidas que facilitaram o fluxo no bairro do Cruz das Armas, indicando o prenúncio de um crescimento ao sul. José Gomes da Silva (1946 – 1947) implantou um serviço de bondes de Cruz das Armas ao Oitizeiro; enquanto o governador Oswaldo Trigueiro (1947 – 1951) participou em ações como a pavimentação da Avenida Cruz das Armas, principal do bairro, numa extensão de 1,4 km, incentivando a expansão da área (Oliveira, 2006). Ainda no governo de Oswaldo Trigueiro, foram promulgados a primeira Lei Orgânica do município (1948) e o Código de Posturas (1948), na tentativa de ordenar o crescimento urbano que começava a acontecer de forma mais latente (Coutinho, 2004).

A década de 1950: a expansão da cidade e dos cinemas de bairro

Em 1951, o Ministro de Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida, assumiu o governo do Estado (permanecendo até 1956) e atuou em prol da melhoria da infraestrutura, como pavimentação de ruas, abastecimento de água, distribuição de luz elétrica e da expansão urbana, notadamente com a implantação do loteamento Jardim Miramar, em 1952 (Coutinho, 2004) – construído para uma parcela da população de maior poder aquisitivo e ponto chave para a consolidação da ligação da cidade com a praia. Trajano (2006) aponta que a ocupação desse espaço rompe com a lógica estabelecida até então de crescimento centrífugo e coloca o território da cidade mais próximo do litoral. O jornal “O Norte”, por sua vez, indica que esta ocupação foi uma das “maiores realizações no terreno de edificações de imóveis já registrada nessa capital”, realizada a partir de investimentos da Caixa Econômica Federal. O espaço foi caracterizado como “moderno”, pois, além de iluminação e saneamento, comportava serviços imprescindíveis para a população, como “posto médico, grupo escolar, mercado e cinema”; esta informação demonstra a importância dos cinemas na cidade e como eles se encaixavam em uma lógica de produção espacial modernizante para o momento (“O Norte”, 5 de março de 1952, p.5).

Em conformidade com a criação desses novos bairros, percebe-se um aumento no número de cinemas de bairro na década de 1950. O primeiro deles foi o Cine São José, em 8 de março de 1952, na Avenida Senador João Lira em Jaguaribe, um bairro já consolidado na capital e que passou, partir dessa década, a ser privilegiado em relação aos cinemas, podendo contar com três salas de exibição – maior quantidade de salas por bairro da cidade. O cinema foi construído pelo Círculo Católico Operário de João Pessoa e sua abertura foi noticiada alguns meses antes em jornais locais, como “O Norte” e “A União”.

A finalização das obras de pavimentação da Epiácio Pessoa, no final de 1952, foi uma medida importante durante o governo de José Américo de Almeida, que contribuiu ainda mais para a expansão direção ao leste, pois facilitou o transporte da população à zona litorânea; segundo Coutinho (2004), com essas mudanças, e principalmente com a maior difusão do automóvel individual, houve um aumento de moradias fixas na orla de Tambaú em substituição às casas apenas de veraneio. Em um artigo de outubro de 1952 sobre a evolução urbana para o jornal “O Norte”, o autor Antônio Taveira Farias revela a importância da pavimentação da Avenida, descrevendo que esta “não era uma obra de ‘fachada’”. É uma necessidade da capital”; comentando ainda que a via inaugura um processo de fluxo viário em direção ao litoral, relatando que “não só a Epiácio Pessoa, com outras virão para o mar” (“O Norte”, 29 de outubro de 1952, p.5).

Conforme Coutinho (2004), dentre as áreas que foram sendo ocupadas estavam o bairro dos Expedicionários e Treze de maio na zona leste; e Bairro dos Novais e Oitizeiro ao sul da cidade. A conquista desses bairros foi facilitada também pela maior ocupação e conseqüente consolidação de bairros como a Torre, no sentido leste, e na expansão da Avenida Cruz das Armas ao sul. Portanto, tem-se a inauguração de dois cinemas de bairro durante a década de 1950: o cinema Caramuru (ou, posteriormente, o Bela Vista), no Cruz das Armas e o Torre, no bairro homônimo. O Cine Caramuru foi aberto em 20 de março de 1952. Assim como o Cine Glória, localizava-se na Avenida Cruz das Armas e teve um curto tempo de vida. Leal (2007, p.71) atesta que não há registros de muitas descrições sobre o cinema, apenas relata que ele possuía “instalações ‘precaríssimas’”.

O Cine Torre, por sua vez, foi inaugurado em março de 1953, sob o slogan “um cinema a serviço de um bairro”, reforçando o apelo que esse tipo de sala de exibição teve no momento de construção de zonas residenciais. Leal (2007, p.63) descreve que o Cine Torre se situava em um “acanhado prédio instalado na Rua Barão de Manmagaape”. Tratava-se de uma linguagem semelhante àquela do restante dos cinemas mencionados, com características Art Decó.

Outro ponto importante para expansão da cidade foi a fundação da Universidade da Paraíba (atual UFPB) em 1955. De acordo com Rodrigues (1980), o fato favoreceu transformações espaciais importantes para a área e um aumento demográfico, o que teria estimulado a expansão de serviços culturais e de lazer.

Em outubro de 1952, o jornal “O Norte” (28 de outubro de 1952, p.4) noticia a fundação do primeiro cineclube do estado, o “Cine Clube da Paraíba”, que funcionava, provisoriamente, nos escritórios da Rádio Arapuã, próximo à Praça Aristides Lobo. O jornal ainda pontua que a criação dessa entidade teve como o objetivo “a exibição de fitas de boa qualidade artística e não menor valor e que dignifiquem realmente a atividade cinematográfica”, já que, de acordo com a nota, as salas de cinema da cidade constituíam simples empresas comerciais, que visavam, prioritariamente, o lucro, e acabavam por deixar de lado películas de grande valor artístico. Leal (2007) aponta que o fato contribuiu para o desenvolvimento de uma cultura cinematográfica mais ativa na cidade, colocando o filme como principal motor de ação – e não o hábito do lazer pelo lazer, em que o filme e as idas ao cinema eram uma das atividades que compunham essa movimentação.

Percebe-se que, nesta fase, o cinema ocupou um dos tantos lugares de diversão e entretenimento dispostos pela cidade que começou a apresentar suas primeiras características “de massa” e diversos são os fatores contribuintes. De acordo com Otávio (1985, p.257), João Pessoa se designava no que ficou conhecido como “cidade de funcionários públicos” e, durante esse período, a classe média estabeleceu sua hegemonia. Também como fator importante, tem-se a motorização dos transportes de massa, sendo assim, ao invés dos bondes, a população pôde contar com ônibus, lotações e uma maior circulação de automóveis.

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Outra condição relevante para mudança nos costumes, foi a importação mais intensa de produtos estrangeiros. À vista disso, Coutinho (2004), bem como Chaves e Tinem (2007), apontam a importação da cultura, de costume e de capital estadunidenses no Brasil e na Paraíba, por conseguinte⁴. Otávio (1985, p.260) narra o quão importante foi a chegada da “Cola-cola” no território municipal, que ocorreu num cinema, o “Cine Rex”, em 1949.

Tal equivaleu, simplesmente, à penetração de hábitos estrangeiros que forçarão a diluição da velha sociedade patriarcal. É a partir daí que João Pessoa começa a mudar: a americanização, já favorecida desde a Segunda Guerra Mundial com a entronização do cinema, ganhou campo econômico e simultaneamente cultural (Otávio, 1985, p.260).

Nesse sentido, Chaves e Tinem (2007) apontam que mesmo nesse segundo momento de urbanização, a preocupação com a modernização e o progresso – e até mesmo com o afastamento da realidade colonial – ainda cercavam os debates relacionados à cidade. Havia a preocupação em se alinhar com as tendências culturais, que agora eram norteadas pelos valores estadunidenses e colocavam cada vez mais a avenida para veículos no centro da produção urbana.

O último cinema da década a ser aberto foi o “Cine Santo Antônio”, no dia 27 de abril de 1956, classificado como cinema de “Primeira categoria”, ou seja, “dentro da mesma linha do Rex e Plaza” (Jornal “O Norte”, 27 de abril de 1956, p. 8). Ele ficava localizado na Avenida Primeiro de Maio, em um prédio de esquina, no bairro de Jaguaribe.

Assim como o “São José”, também era propriedade de entidades religiosas, construído por iniciativa de dois frades da Igreja do Rosário (Leal, 2007). O “Santo Antônio” recebia bastante apoio da crítica e, de acordo com Leal (2007), foi o melhor cinema de bairro da cidade, chegando à categoria de terceiro lançador, perdendo apenas para o Plaza e o Rex – cinemas de maior destaque da época, localizados no centro.

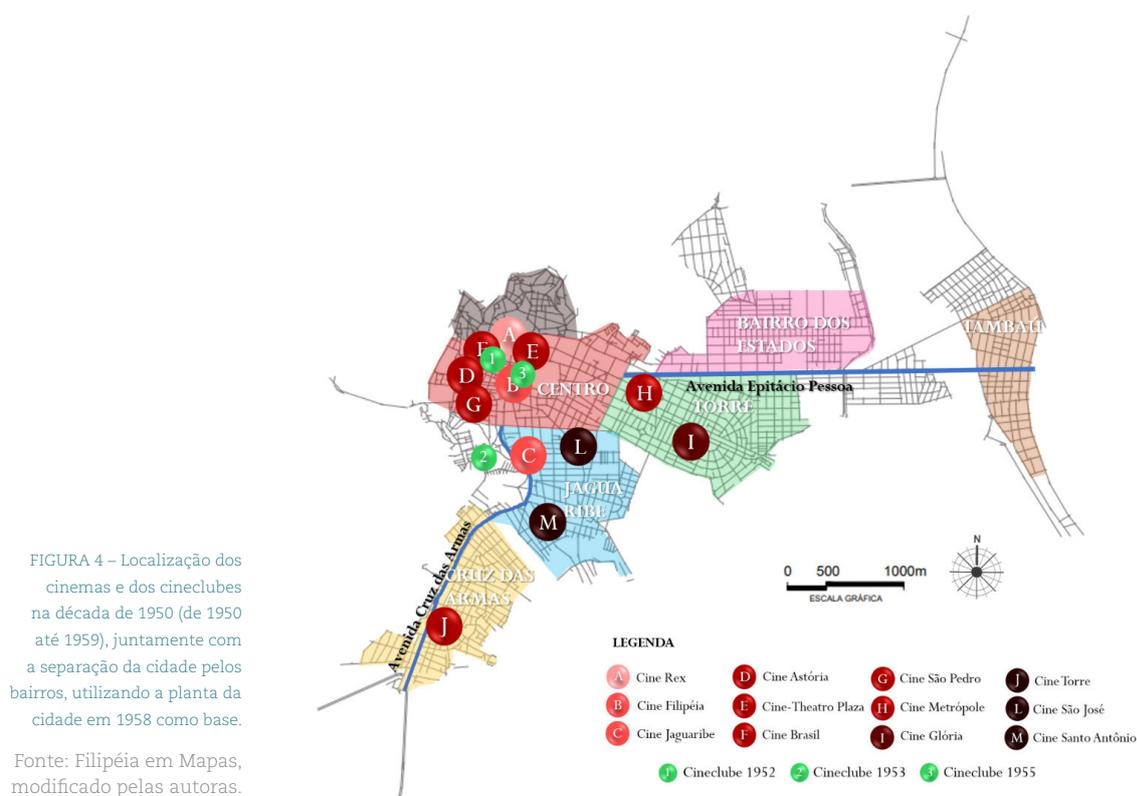
Mesmo com mais ofertas culturais, o cinema vivia seu momento de auge durante a década de 1950, com o maior número de salas durante todo seu período de existência no perímetro de João Pessoa. Um total de 16 cinemas estavam em atividades – quatro deles abertos nesse período –, dispostos de forma mais heterogênea em uma cidade que se expandia crescentemente. Os processos de expansão urbana dos anos 1950 estavam articulados com a abertura de cinemas em algumas zonas residenciais, como Torre, Jaguaribe e Cruz das Armas, bairros na zona sul da cidade [4] – letras J, L, M e N. Ao analisar a localização dos cinemas na malha urbana, percebe-se que bairros consolidados, como o Jaguaribe e a Torre, comportavam mais de uma sala. Além disso, destacam-se também as variadas localizações dos cineclubes durante a década, já que, além de importantes agentes na difusão da cultura cinematográfica na cidade, também foram responsáveis por algumas exposições de filmes – retirando o monopólio das salas de cinema.

⁴ Santoro (2004) relata que, principalmente a partir de 1930, o mercado estadunidense dominava a indústria cinematográfica e, com isso, a cultura e os hábitos do país eram dissipados ao restante do mundo, sendo o cinema como ferramenta.

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)



A década de 1960: o princípio do declínio

Silveira (2004) aponta que, ao entrar em 1960, João Pessoa ainda apresentava uma extensão territorial restrita, reduzindo-se à área central, às ocupações ao longo da Avenida Eptácio Pessoa ao leste, e da Avenida Cruz das Armas, ao sul. As criações da Sudene e do BNDES impulsionaram a industrialização, favorecendo a urbanização e o surgimento de uma população operária. De acordo com Coutinho (2004), esses organismos de relação direta com o governo federal tinham o objetivo de atuar no desenvolvimento industrial de toda a região Nordeste. Dessa forma, o início dos anos 1960 foi marcado por obras federais relevantes na mudança de panorama de João Pessoa, destacando-se a reforma de eixos rodoviários da BR-101 e da BR-230, que promoviam ligações para outras áreas da cidade (Silveira, 2004). A criação do BNH (Banco Nacional da Habitação) em 1964, também uma iniciativa de âmbito nacional, ampliou a política de construção de conjuntos habitacionais; foram produtos desses processos os conjuntos 13 de Maio, Pedro Gondim e Ipês Coutinho (2004). Silveira também menciona os conjuntos Brisamar, Jardim Luna e João Agripino, mais próximos ao litoral, em direção a Cabedelo (Silveira, 2004, p.218).

Em suma, a partir da década de 1960, o governo nacional atuou como agente, através de órgãos como a Sudene e o BNH, na produção do espaço de João Pessoa. Em 1967, o jornal “A União” divulga a construção de casas para oficiais e sargentos do Exército, no Jardim Manaíra, em uma tentativa de ocupação da zona litorânea ao norte da cidade. A notícia revela que o conjunto residencial “será edificado em terreno doado pela Caixa Econômica dentro do plano de financiamento do Banco Nacional de Habitação” (“A União”, 24 de junho de 1967, p.3).

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Nesse mesmo ano, ainda de acordo com o jornal (idem, 19 de outubro de 1967, p.6), promoveu-se também a construção de conjuntos de casas populares em Cruz das Armas pela CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular) juntamente com a prefeitura – ocupada por Damásio da Franca (1966 – 1971). Silveira (2004) comenta que a empresa foi responsável por uma quantidade considerável de moradias ao sul e sudeste de João Pessoa. Em dezembro do mesmo ano, o BNH, juntamente o Montepio do Estado da Paraíba, discute a construção de habitações também na zona sul, na Cidade dos Funcionários, em Oitizeiro (“A União”, 12 de dezembro de 1967, p.3); a nota ainda divulga o planejamento para execução do conjunto “Dom Carlos Coelho” em Mandacaru.

A partir desse período, os primeiros fechamentos definitivos de salas de exibição começaram a ocorrer. Como exemplo, o Cine Torre, que fechou no início da década, e o São José, que encerrou as atividades em 1960 (Leal, 2007). De maneira geral, as salas de cinema vão deixando de ser os únicos responsáveis pela exibição de audiovisual na Paraíba. O desenvolvimento tecnológico propiciou o surgimento de concorrentes do cinema a partir desse período: além dos cineclubes, que desde a década de 1950 começaram a organizar algumas exibições avulsas em suas reuniões, outras organizações realizaram mostras de cinemas pela capital (“A União”, 12 de setembro de 1967, p.3); a programação televisiva também começou a aparecer em notas de jornais (esclarecendo que esse equipamento já se encontrava presente em parte das residências da população).

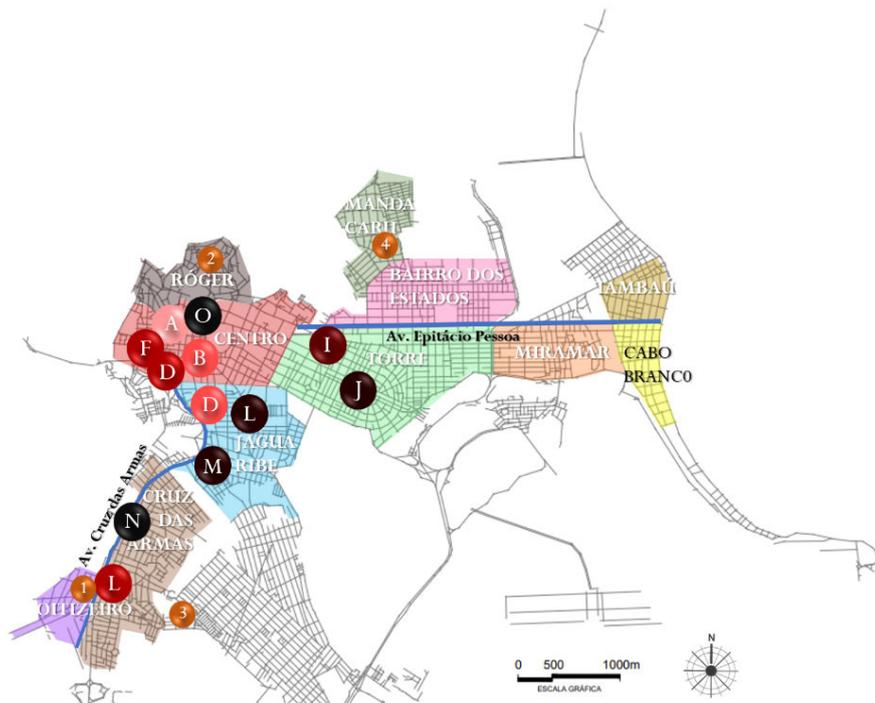


FIGURA 5 – Localização dos cinemas na década de 1960 até 1969 (Planta da cidade de João Pessoa em 1970).

Fonte: Filipéia em Mapas, modificado pelas autoras.

LEGENDA

- A Cine Rex
- B Cine Filipéia
- C Cine Jaguaribe
- D Cine Astória
- E Cine-Theatro Plaza
- F Cine Brasil
- G Cine São Pedro
- H Cine Metrópole
- I Cine Glória
- J Cine Torre
- L Cine São José
- M Cine Santo Antônio
- 1 Cine Guarani
- 2 Cine Roggers
- 3 Cine Ilha do Bispo
- 4 Cine São Luiz

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Apesar disso, a atividade cinematográfica nunca esteve tão difundida na cidade, expondo o quanto as salas conseguiram se disseminar à medida que malha urbana se estendeu. Leal (2007) cita a existência, em meados do século XX, de alguns cinemas em áreas mais afastadas da cidade: o “Guarani” na Avenida Coronel Massa, no Oitizeiro; o “Roggers” no baixo Roger; “Ilha do Bispo” na Avenida da Redenção, no bairro homônimo. Em reportagem, (Leal, 2016) ele também faz menção ao “São Luiz”, mapeado por Dib (2010), no bairro de Mandacaru. Sobre esses cinemas, nenhuma referência foi encontrada nas pesquisas em jornais da época, muito provavelmente por se tratarem de cinemas em bairros menos prestigiosos. Porém, pontuar sua existência auxilia na compreensão da relação entre a abertura de cinemas de bairros num momento de construção de zonas habitacionais. Ao analisar a espacialização destes polos de atividades cinematográficas na cidade, percebe-se notadamente sua disseminação nos bairros recém-criados [FIGURA 5].

O Cine Municipal, por sua vez, foi o único aberto durante a década e localizava-se na área central, denotando a importância que a região central ainda tinha nesse momento de João Pessoa. Esse cinema chegou a ser uma das principais salas da cidade, junto com o Rex e o Plaza, sendo o último a fechar suas portas.

Considerações Finais

Os cinemas funcionaram, em suas diferentes fases e nas formas distintas de produção e reprodução do espaço, como importantes impulsionadores de hábitos e valores da modernidade. O recorte temporal apresentado pelo artigo é caracterizado por uma fase de apogeu e maior disseminação das salas. Percebe-se uma clara e expressiva difusão dos cinemas de bairro e, apesar dos cinemas principais – ou lançadores – continuarem no centro, a categoria “de bairro” permitiu uma localização mais heterogênea na cidade. Assim, esses equipamentos fazem parte de uma lógica de produção espacial urbana, acompanhando parte do crescimento da cidade, em especial, nos bairros para população de classe média aos estratos de baixa renda. Em contrapartida, percebe-se uma lacuna de salas de cinemas nos bairros voltados para a direção leste, tradicionalmente ocupados pelas populações de maior poder aquisitivo, levando ao questionamento das causas para que tal fato ocorresse, sejam eles fatores de renda ou de maior número de habitantes na área. Em diferenciação aos cinemas do centro, as salas dos bairros apresentavam arquiteturas mais simples e condições mais precárias (Leal, 2007); o perfil dos proprietários também era distinto: os cinemas de bairro eram propriedade de pequenos empresários, entidades religiosas ou cineclubes, enquanto que os proprietários dos cinemas do centro eram especializados no ramo e, geralmente, possuíam mais de uma sala.

Atualmente, João Pessoa apresenta um cenário de total ausência de salas de “cinema de rua” em seu perímetro urbano. O desaparecimento desses espaços foi um fenômeno experimentado em âmbito nacional, e várias são suas causas; dentre elas, a especulação imobiliária e as novas lógica de configuração espacial; o aumento no preço dos ingressos e a chegada de outras tecnologias audiovisuais, como o vídeo cassete e a televisão (Bessa, 2013). Atualmente, a maioria das salas estão compreendidas nos grandes centros comerciais, no formato de “multiplex”, agravando o quadro de separação da atividade cinematográfica de lazer do espaço público, característica das cidades atuais.

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Referências

AGUIAR, Wellington; OTÁVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro**. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

AGUIAR, Wellington. **Cidade de João Pessoa a memória do tempo**. 3.ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945)**. Recife/PE: Edições Verona, 2014.

BESSA, Marcia. **Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro**. Unirio: Rio de Janeiro, 2013, 438p. [Tese de doutorado]

CHAVES, Carolina M.; TINEM, Nelci. **João Pessoa a extrusão da malha urbana em alusão ao progresso e à modernidade 1958-1975**. In: III Seminário Projetar, 2007.

COUTINHO, Marco Antônio Farias. **Evolução urbana e qualidade de vida: o caso da avenida Epitácio Pessoa**. UFPB: João Pessoa, 2004, 205p. [Dissertação de mestrado].

DIB, André. **Mapa do circuito exibidor de João Pessoa no século 20 (em construção)**. Disponível em < https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=10qWxWa8sgXDST7Pn_sqzDOHyzXY&ll=-7.1203281814217165%2C-34.883198640492424&z=17> Acesso em junho de 2024

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba/Cinema da Paraíba (Volume I)**. João Pessoa, 2007.

_____. **Jornalista e Pesquisador explicam história dos cinemas na Paraíba**. Disponível em < https://auniaio.pb.gov.br/noticias/cademo_cultura/jornalista-e-pesquisador-explicam-historia-dos-cinemas-na-paraiba> Acesso em junho de 2024

MARTINS, Paula Dieb. **O imobiliário e a reestruturação urbana: a cidade de João Pessoa/PB no século XXI**. UFPB: João Pessoa, 2019, 266p. [Tese de doutorado]

MELLO, José Octávio. **Os Coretos no cotidiano de uma cidade - lazer e classes sociais na capital da paraíba**. João Pessoa: A União Editora, 1990.

OLIVEIRA, José Luciano Agra de. **Uma contribuição aos estudos sobre a relação transporte e crescimento urbano: o caso de João Pessoa**. UFPB: João Pessoa, 2006, 197p. [Dissertação de Mestrado].

RODRIGUEZ, Janete Lins. **Acumulação de capital e produção do espaço: o caso da grande João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.

SILVEIRA, José Augusto R. **Percursos e Processo de Evolução Urbana: O Caso da Avenida Epitácio Pessoa na Cidade de João Pessoa-PB**. MDU/UFPE: Recife, 2004, 326p. [Tese de doutorado]

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. **Do Rio ao mar: uma leitura da cidade de João Pessoa entre duas margens**. In: [TINEM, Nelci (org)]. **Fronteiras, marcos e sinais. Leitura das Ruas de João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária/Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2006.

VIDAL, Wylanna Carlos Lima. **Transformações urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade, 1910 –1940**. Universidade Federal da Paraíba, Programa De Pós-Graduação Em Engenharia Urbana: João Pessoa, 2004, 115p. [Dissertação de mestrado]

WANDERLEY, Múcio L. **Programa variado**. João Pessoa: Editora União, 1996.

Os “cinemas de bairro” em João Pessoa: a difusão da atividade e da malha urbana (1940-1970)

The “neighborhood cinemas” in João Pessoa: the diffusion of activity and the expansion of the city from 1940 to 1970

“Cines de barrio” en João Pessoa: la expansión de la actividad y el tejido urbano (1940-1970)

Acervo do Jornal A União: Jornal diário. Paraíba: João Pessoa, 1853-atualidade. Disponível em <https://auniaio.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao> Acesso em abril de 2024

Acervo do Jornal O Norte; Jornal diário. Paraíba: João Pessoa, 1908-1956. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em abril de 2024

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O **CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392)** é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 06/02/2025

Aprovado em 22/05/2025